

CICLO DE ENTREVISTAS CURRÍCULO, TECNOLOGIAS E FORMAÇÃO HUMANA: uma conversa com Dermeval Saviani

Alaim Souza Neto
Raquel Pinheiro Matiola
Rafael dos Santos

Resumo

A presente entrevista com Dermeval Saviani é resultado de um projeto de extensão em andamento, intitulado *Ciclo de Entrevistas Currículo, Tecnologias e Formação Humana: contribuições da Pedagogia Histórico-Crítica*. Trata-se de um conjunto de encontros com diversos(as) autores(as) renomados(as) que dialogam com nossas temáticas de investigação. O projeto é uma das ações do Grupo de Pesquisa Observatório de Práticas Curriculares (OPC), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A conversa aconteceu de forma virtual, com transmissão ao vivo via *YouTube*, no canal do OPC (Ciclo de entrevistas, 2026). O objetivo principal foi discutir a produção e o contexto atual dos estudos acerca de currículo, tecnologias, formação docente e formação humana em uma perspectiva contra-hegemônica, tomando como referência a Pedagogia Histórico-Crítica. A escolha pelo professor Dermeval Saviani deveu-se à sua relevância acadêmica e à sua autoria na constituição da Pedagogia Histórico-Crítica, sendo sua participação de fundamental importância para o projeto. Ao longo da entrevista, o professor explanou sobre temáticas que se destacam no cenário educacional atual, como BNCC Computação, inteligência artificial e plataformização. Saviani enfatiza que as mediações tecnológicas não devem ser celebradas como salvadoras, mas que é possível inserir nos currículos escolares a aprendizagem do uso dos computadores e celulares, desde que estes não substituam as aprendizagens da leitura e da escrita, que estão na base dos novos recursos tecnológicos. Também ressalta que não deve haver prejuízo dos componentes curriculares já clássicos, que devem permanecer constituindo o ensino nas escolas de educação básica.

Palavras-chave: educação; pedagogia histórico-crítica; currículo; tecnologia; formação humana.

INTERVIEW SERIES CURRICULUM, TECHNOLOGIES AND HUMAN FORMATION: a conversation with Dermeval Saviani

Abstract

This interview is the result of an ongoing outreach project entitled *Ciclo de Entrevistas Currículo, Tecnologias e Formação Humana: contribuições da Pedagogia Histórico-Crítica*, which consists of a set of meetings with various renowned scholars who engage with our research themes. The project is one of the initiatives of *Grupo de Pesquisa Observatório de Práticas Curriculares* (OPC), affiliated with *Programa de Pós-Graduação em Educação* (PPGE) at Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). The interview was conducted online and broadcast live on *YouTube* via the OPC channel (Ciclo de entrevistas, 2026). Its main objective was to discuss the current production and contexts in studies on curriculum, technologies, teacher education, and human development from a counter-hegemonic perspective, taking Historical-Critical Pedagogy as a reference. The choice of Professor Dermeval Saviani was due to his academic relevance and his authorship in the formation of Historical-Critical Pedagogy, making his participation fundamental to the project. Throughout the interview, the professor addressed themes that stand out in the current educational context, such as the BNCC for Computing, artificial intelligence, and platformisation. Saviani

emphasises that technological mediations should not be celebrated as saviours, but that it is possible to incorporate the learning of computer and mobile phone use into school curricula, provided that they do not replace the learning of reading and writing, which underpin these new technological resources. He also highlights that there must be no detriment to the already established core curricular components that should constitute teaching in basic education.

Keywords: education; historical-critical pedagogy; curriculum; technology; human development.

CICLO DE ENTREVISTAS CURRÍCULO, TECNOLOGÍAS Y FORMACIÓN HUMANA: una conversación con Dermeval Saviani

Resumen

La presente entrevista con Dermeval Saviani es resultado de un proyecto de extensión en curso, titulado *Ciclo de Entrevistas Currículo, Tecnologías y Formación Humana: contribuciones de la Pedagogía Histórico-Crítica*. Se trata de un conjunto de entrevistas con diversos/as autores/as reconocidos/as que dialogan con nuestras temáticas de investigación. El proyecto es una de las acciones del Grupo de Investigación Observatorio de Prácticas Curriculares (OPC), vinculado al Programa de Posgrado en Educación (PPGE) de la Universidad Federal de Santa Catarina (UFSC). La conversación se realizó de forma virtual, con transmisión en vivo en el canal de *YouTube* del OPC (Ciclo de entrevistas, 2026). El objetivo principal fue discutir la producción y el contexto actual de los estudios sobre currículo, tecnologías, formación docente y formación humana desde una perspectiva contrahegemónica, con base en la Pedagogía Histórico-Crítica. La elección del profesor Dermeval Saviani se debió a su relevancia académica y a su papel en la constitución de la Pedagogía Histórico-Crítica, por lo que su participación resultó fundamental para el proyecto. A lo largo de la entrevista, el profesor abordó temáticas destacadas en el escenario educativo actual, tales como la BNCC de Computación, la inteligencia artificial y la plataformización. Saviani enfatiza que las mediaciones tecnológicas no deben ser celebradas como salvadoras, pero que es posible incorporar en los currículos escolares el aprendizaje del uso de computadoras y teléfonos móviles, siempre que estos no sustituyan los aprendizajes de la lectura y la escritura, que están en la base de los nuevos recursos tecnológicos. Asimismo, subraya que no deben verse perjudicados los componentes curriculares clásicos, que han de seguir constituyendo la enseñanza en las escuelas de educación básica.

Palabras clave: educación; pedagogía histórico-crítica; currículo; tecnología; formación humana.

Grupo de Pesquisa Observatório de Práticas Curriculares (OPC): A primeira pergunta que nós gostaríamos de fazer ao senhor, professor, é sobre a visão de mundo materialista e idealista, para pensar a realidade da educação brasileira. E, nesse sentido, gostaríamos de perguntar: qual a diferença fundamental entre uma e outra? Em sua perspectiva, o marxismo continua sendo uma referência atual e relevante para pensar uma teoria pedagógica? E por quê? Fique à vontade, professor.

Dermeval Saviani: Como está indicado na própria denominação, a visão idealista é baseada nas ideias, que seriam o elemento determinante do modo de funcionamento da realidade em seu conjunto. E, portanto, é a referência também da sociedade, da educação, dessas ideias gerais. Diferentemente, a visão materialista entende que são as condições materiais que determinam a realidade, a sociedade e a educação.

O marxismo continua, então, sendo a referência para pensar uma teoria pedagógica, porque é a referência para compreendermos a realidade atual. Com efeito, Marx mostrou como a humanidade veio se desenvolvendo desde a Antiguidade, com o modo de produção centrado no trabalho dos escravos, passando, na Idade Média, ao modo de produção feudal, centrado no trabalho dos servos, e chegando, nas épocas moderna e contemporânea, a se tornar dominante o

modo de produção capitalista, centrado no trabalho assalariado, que continua vigente na sociedade atual. E, analisando a sociedade capitalista, o marxismo mostra seu desenvolvimento, que passou da produção artesanal, com o trabalho dos artesãos organizados nas corporações de ofícios, para a manufatura. E, desta, para a grande indústria, com o trabalho realizado por um conjunto articulado de trabalhadores, operando, portanto, a passagem do trabalho individualizado para o trabalho socializado. Assim, o marxismo mostra a contradição que marca a atual sociedade capitalista, que é a seguinte: o trabalho foi socializado pelo próprio capitalismo, mas os meios de produção, os instrumentos de trabalho e os produtos do trabalho permanecem em mãos individuais, mantendo a contradição entre a classe dos capitalistas e a classe dos trabalhadores.

A referida contradição é que coloca a questão do socialismo. Ou seja, considerando que o processo de trabalho foi socializado, impõe-se a exigência de socializar também a propriedade dos meios de produção, dos instrumentos de trabalho e dos produtos do trabalho. Desapareceria, assim, a oposição entre a classe dos capitalistas e a classe trabalhadora. Consequentemente, a sociedade socialista se caracteriza pela igualdade real entre seus membros, instaurando, em consequência, a liberdade também real entre os indivíduos integrantes dessa sociedade, superando, assim, a igualdade e a liberdade apenas formais, vigentes sob o capitalismo. Assim, é a partir do marxismo que poderemos pensar uma teoria pedagógica que forme a população para agir no sentido da transformação da sociedade atual, da forma capitalista para a forma socialista. É essa, então, a resposta que eu dou à primeira questão.

OPC: Nessa mesma seara, agora, já assumindo uma concepção materialista histórico-dialética, recentemente o professor lançou um livro chamado *Educação, Pedagogia Histórico-crítica e BNCC* (2025). No livro, há uma entrevista realizada com o senhor, tratando da atual BNCC e de outras contrarreformas do ensino. Ainda no governo anterior, nós tivemos o parecer do Conselho Nacional de Educação n. 2/2022, que trata da resolução sobre as normas que definem o ensino de computação na educação básica de todo o nosso país, um complemento à BNCC, denominado BNCC Computação (Brasil, 2022). Essa BNCC Computação tem o objetivo de inserir o ensino do pensamento computacional, do mundo digital e da cultura digital na educação básica, no currículo. Como o professor percebe esse processo de incorporação do campo da computação e da linguagem de programação no currículo escolar, juntamente com aquilo que o professor já chama de engodo da BNCC?

Dermeval Saviani: Bem, vejamos, a técnica é a maneira considerada correta de se executar uma tarefa com base no conhecimento comum e corrente, e a tecnologia é a técnica com base no conhecimento científico. Podemos considerar que os instrumentos técnicos e tecnológicos, desde os mais simples até os mais avançados, não passam de extensões dos braços humanos. Assim, desde aquele pedaço de pau que o homem primitivo utilizou para alcançar frutos que não podia atingir diretamente com suas mãos até os satélites atuais são recursos que os seres humanos utilizam para aumentar o alcance de suas ações. É nesse âmbito que se situam os recursos tecnológicos atuais, materializados nos computadores e celulares. Penso, pois, que, assim como é necessário, na escola, aprender a escrever com lápis e caneta e a ler o que é escrito na lousa e nos livros e cadernos, também é possível inserir nos currículos escolares a aprendizagem do uso dos computadores e celulares. No entanto, isso deve ser feito sob a condição de não substituir as aprendizagens da leitura e da escrita, que estão na base desses novos recursos tecnológicos, e igualmente sem prejuízo dos componentes curriculares já clássicos, que devem constituir o ensino nas escolas de educação básica. É esta, então, a minha resposta a esta segunda questão.

OPC: Vamos para a terceira pergunta, professor. No ano passado, nós tivemos a conferência de encerramento do *II Seminário Paranaense e do I Seminário da Região Sul sobre a Pedagogia*

Histórico-Crítica, que aconteceu em novembro. Nesse evento, o professor faz uma fala afirmando que a fetichização das novas tecnologias, materializada na expansão das plataformas digitais e da educação a distância, faz parte de um movimento ideológico mais amplo, de submissão da educação e da escola pública às imposições do mercado, incluindo a tendência de substituição do trabalho docente por plataformas digitais e, ao mesmo tempo, um articulado processo de alienação dos estudantes. A partir da Pedagogia Histórico-Crítica, como analisar essa lógica capitalista contraditória, em termos de luta de classes, de alienação e de precarização do trabalho docente, considerando a incorporação das tecnologias digitais nas escolas e a naturalização dessas plataformas na organização da escola pública? Há uma possibilidade de ensino e de mediação do conhecimento histórico e socialmente produzido pela humanidade em um contexto em que as mediações tecnológicas são intensificadas e celebradas como salvadoras, como solucionadoras?

Dermeval Saviani: Veja, no referido contexto, a Pedagogia Histórico-Crítica, se assumida de forma consistente e coerente, será o recurso para que as mediações tecnológicas sejam situadas como aquilo que de fato são, isto é, como recursos que deverão facilitar o atingimento das finalidades do ensino escolar, guiando-nos sempre, conforme a máxima gramsciana, que nos incita sempre a buscar nos fins a atingir a fonte natural para a definição dos métodos e das formas. Assim sendo, as mediações tecnológicas jamais deverão ser celebradas como salvadoras. Ao contrário, os professores deverão ser incentivados e subsidiados teoricamente em sua luta contra a precarização do trabalho docente e contra a naturalização das plataformas digitais como substitutas do corpo docente na organização das escolas em geral e, especificamente, na organização e no funcionamento das escolas públicas. É isso.

OPC: Professor, eu vou agora tratar de um assunto que entra numa nova onda tecnológica de inovação, que é a questão da inteligência artificial. Perguntaria o seguinte: a partir da Pedagogia Histórico-Crítica, a inteligência artificial encontra limites estruturais como uma possibilidade didática, pois o ensino não pode ser reduzido a operações técnicas, nem a aprendizagem ao processamento de informações. Poderíamos dizer que o uso da inteligência artificial na educação não se define por normas técnicas ou percentuais de uso, mas pela preservação da centralidade do trabalho docente, do conhecimento sistematizado e da formação humana integral, numa perspectiva *omnilateral*. A inteligência artificial só será admissível quando subordinada à práxis pedagógica crítica, emancipatória e consciente, sem converter o professor em operador de sistemas algorítmicos e, muito menos, reduzir a educação a um processo automatizado de transmissão de informações. Levando em conta essas considerações, existe alguma possibilidade, à luz da Pedagogia Histórico-Crítica, de a gente relacionar inteligência artificial com educação? Que potencialidades e limites o professor gostaria de ressaltar?

Dermeval Saviani: Vejam, eu fui chamado a me manifestar sobre essa questão da inteligência artificial em duas oportunidades anteriores e comecei lembrando algo que escrevi em 1994, momento em que observei que estamos vivendo hoje aquilo que se costuma chamar de Revolução da Informática ou Revolução da Automação, que se sustenta sobre a base científica e tecnológica da microeletrônica. Se a Revolução Industrial de base técnico-mecânica promoveu a transferência de funções manuais para as máquinas, o que hoje está ocorrendo é a transferência das próprias operações intelectuais para as máquinas. Por isso, também se diz que estamos vivendo na era das “máquinas inteligentes”. Em decorrência, também, as qualificações intelectuais específicas tendem a desaparecer, o que traz como contrapartida a elevação do patamar de qualificação geral. Vê-se, assim, que, 32 anos antes, eu havia antecipado isso que hoje se divulga sob o nome de inteligência artificial.

Nessa era das máquinas inteligentes, a dita inteligência artificial não é outra coisa senão produto do conhecimento humano de caráter científico. Como tal, é ao ser humano que cabe o

controle. Então, o problema é quem controla e, portanto, manipula a inteligência artificial. Podemos ver que essa questão é do mesmo tipo daquela que emergiu por ocasião da primeira Revolução Industrial, quando se deu a introdução das máquinas mecânicas no processo produtivo industrial. Naquele momento, os trabalhadores se insurgiram contra as máquinas, buscando destruí-las. Por quê? Na verdade, as máquinas não eram suas inimigas. De fato, elas viriam facilitar seu trabalho, permitindo-lhes realizar aquelas tarefas que exigiam maior precisão, requerendo maior tempo de dedicação e maior esforço. No entanto, como os donos das máquinas eram os patrões, e não os operários, as máquinas foram utilizadas para aumentar a margem de lucro, impondo aos trabalhadores um processo intensivo de produção, que lhes exigia atuar num ritmo alucinante. Daí a revolta dos trabalhadores contra as máquinas. No entanto, seus inimigos não eram as máquinas, mas os donos das máquinas. Consequentemente, eles deveriam se revoltar contra os patrões, e não contra as máquinas.

Hoje, estamos diante de uma situação semelhante. E por que isso? Porque a forma de sociedade é aquela mesma que entrou numa nova fase, a fase das máquinas inteligentes. Essa forma de sociedade é baseada na oposição com os donos do capital. Isto é, eles concentram em suas mãos as forças produtivas, representadas pelos meios de produção e instrumentos de trabalho, reduzindo os trabalhadores à pura força de trabalho, o que significa que estes detêm a propriedade apenas de seu próprio corpo, que deverá ser movimentado para operar os instrumentos de trabalho, que, sendo propriedade dos capitalistas, garantem a estes a apropriação de tudo que os trabalhadores produzem. Assim, na atual fase, ocorre um fenômeno semelhante àquele da fase anterior das máquinas mecânicas. As novas máquinas, ditas inteligentes, continuam sendo propriedade dos capitalistas, que as utilizam para maximizar seus lucros, aumentando exponencialmente a exploração da força de trabalho. É, de fato, o que está acontecendo e o que vem sendo evidenciado pelo fenômeno denominado *uberização* do trabalho.

Enfim, como já afirmei e reitero agora, a inteligência artificial é um produto do conhecimento científico humano. Como tal, é ao ser humano que cabe seu controle. O problema se situa no caráter da atual sociedade, que, sob a forma capitalista, chegou ao ponto culminante de sua tendência a converter tudo em mercadoria. Com isso, o próprio conhecimento é convertido em mercadoria, na forma da inteligência artificial. Nessas condições, o risco é de que, transferindo para as máquinas as respostas às questões que os seres humanos enfrentam, a população seja induzida a deixar de pensar, recorrendo à máquina no formato da inteligência artificial todas as vezes que necessita obter resposta a determinadas indagações, o que acabará por embotar sua própria inteligência, ou seja, a inteligência natural. Que é a única que existe. Só os homens, só os seres humanos são dotados de inteligência. E, com o embotamento da inteligência, que é a característica distintiva do ser humano, a própria espécie humana, o gênero “homo”, deixaria de existir. Como, porém, tal situação estará acompanhada do aumento da exploração da maioria da população por parte dos detentores do capital, que estariam no controle da inteligência artificial, as resistências a essa forma de sociedade também precisam aumentar proporcionalmente, impondo a necessidade da revolução que promoverá a superação do capitalismo. E a nova forma de sociedade, superando a divisão em classes, colocará todas as conquistas que culminaram na era das máquinas inteligentes a serviço de toda a humanidade, corrigindo essa terrível distorção evidenciada no fato de que, se, no momento atual, todos os membros da espécie humana poderiam estar vivendo confortavelmente com o auxílio das máquinas, aquilo a que assistimos é o aumento exponencial da miséria, mas da miséria mais abjeta, que atinge um número cada vez maior de seres humanos nesse nosso planeta. Essa é a minha resposta.

OPC: Professor, nessa mesma perspectiva, o senhor cunhou o termo “neotecnismo” na sua produção, como quando falou do tecnicismo, depois do neotecnismo. Eu perguntaria: o neotecnismo ainda continua sendo uma perspectiva mais adequada para problematizar a presença das tecnologias digitais no atual contexto da educação brasileira? E, à luz da Pedagogia Histórico-Crítica, quais seriam os desafios contemporâneos para o campo da formação de professores? Essa é para o professor discorrer um pouquinho sobre a perspectiva instrumental que está dentro das formações de professores para o uso de tecnologias. O que o professor pensa a respeito disso?

Dermeval Saviani: Sem dúvida, parece-me razoável a denominação de neotecnismo para essa tendência a acentuar a presença das tecnologias digitais no campo educacional. Com efeito, como indiquei no livro *Escola e democracia* (Saviani, 2024, p. 11), se, na Pedagogia Tradicional, a iniciativa cabia ao professor, e, na Pedagogia Nova, deslocou-se para o aluno, na Pedagogia Tecnicista, o elemento principal passou a ser a organização racional dos meios, ocupando o professor e o aluno posição secundária, relegados à condição de meros executores, pondo em funcionamento um conjunto de técnicas no âmbito de um processo cuja concepção, cujo planejamento, cuja coordenação e cujo controle ficam a cargo de especialistas supostamente habilitados, neutros, objetivos, imparciais. Agora, com o advento das novas tecnologias, esse mesmo fenômeno ocorre com professores e alunos, pondo em funcionamento, em sua prática educativa, as ditas tecnologias digitais. Em decorrência, parece-me apropriada a denominação de neotecnismo ao referido processo. Os limites desse fenômeno residem na diminuição da importância dos professores, acentuando sua desqualificação e dificultando as condições do trabalho, com reflexos na qualidade do ensino ministrado.

OPC: Já chegando ao final da nossa entrevista, eu perguntaria, para a gente tentar finalizar, que considerações o professor gostaria de fazer sobre esse campo que discute a relação entre educação e tecnologias para o nosso público? Em alguns textos, o professor tem trabalhado até a ideia de resistência ativa, mas quais seriam esses desafios diante das tecnologias?

Dermeval Saviani: Não tenho propriamente acréscimos. Gostaria apenas de reiterar que as tecnologias se situam na esfera dos meios e, como tais, subordinam-se às finalidades educativas. Reafirmo, portanto, o princípio gramsciano segundo o qual *é nos fins a atingir que devemos encontrar a fonte natural para a definição dos métodos e das formas*. Esse é o critério para decidirmos quais, quando e como utilizaremos os recursos necessários para levarmos a bom termo a realização da atividade de ensino. É, pois, a partir daí que decidiremos se vamos lançar mão de tecnologias digitais no processo educativo e, em caso positivo, quais, quando e como as utilizaremos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. *Parecer CNE/CEB n. 2/2022, aprovado em 17 de fevereiro de 2022*. Normas sobre Computação na Educação Básica – Complemento à Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília, DF: CNE/CEB, 2022. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/cne/pdf/pareceres-do-cne/ceb/2022/pceb002_22.pdf. Acesso em: 21 maio 2026.

CICLO de Entrevistas: Prof. Dr. Dermeval Saviani. Entrevistado: Dermeval Saviani. Entrevistador: Alaim Souza Neto. [S. l.]: Observatório de Práticas Curriculares - OPC/UFSC, 24 mar. 2026. 1 vídeo (1h). Publicado pelo canal Observatório de Práticas Curriculares - OPC. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I-qMn1s4aec>. Acesso em: 21 maio 2026.

SAVIANI, Dermeval. *Educação, pedagogia histórico-crítica e BNCC*. São Paulo: Expressão Popular, 2025.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia*. 45. ed. Campinas: Autores Associados, 2024.

Submetido em abril de 2026

Aprovado em maio de 2026

Informações das autoras

Alaim Souza Neto

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

E-mail: alaimenergia@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5565-1367>

Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6523042315588659>

Raquel Pinheiro Matiola

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

E-mail: matiolaraquel@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6295-2953>

Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1443194476805608>

Rafael dos Santos

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

E-mail: rafael.santos.r@posgrad.ufsc.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5338-922X>

Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0579947826319754>